

JAN
2021



Entrepautas

Pelos vinte anos do curso de Composição neste Conservatório, convidámos o antigo aluno e atual compositor de reconhecido mérito, a escrever para a nossa Entrepautas. Foi com entusiasmo que o Pedro Lima aceitou o desafio.



Pacientemente, apaguei tudo aquilo que escrevi.

O processo de composição
pequena crónica
Pedro Lima

Um dos momentos que mais me deslumbra quando me retiro no processo de escrever música - compor - é quando em mim se manifesta o discernimento para apagar ideias que não me servem, rasgar rascunhos e abdicar de tudo isso sem qualquer receio, regressando assim ao virgem papel pintado de branco.

A capacidade para humildemente reconhecer que nem tudo aquilo que elaboramos é digno de ser partilhado, é um dom que devemos conservar. É na capacidade em voltar a tentar, na heroica perseverança que ninguém vê nem aplaude, na solidão sem fim da secretária, é precisamente nesse contexto que edificamos solenemente os nossos pensamentos mais profundos. Julgo ser precisamente nesse espaço, ausentado de *tempo* - como vulgarmente o (re)conhecemos - que se plantam as árvores mais bravas e duradouras. Árvores essas, que como qualquer outra árvore que se prontifique a viver vida longa, só mais tarde veremos crescer. Ter paciência e ser paciente. Fé no processo sem que a pressão de o resultado final impere ou contagie de alguma maneira menos boa, a nossa forma de raciocinar e de criar.



CONSERVATÓRIO
DE MÚSICA
CALOUSTE
GULBENKIAN
DE BRAGA

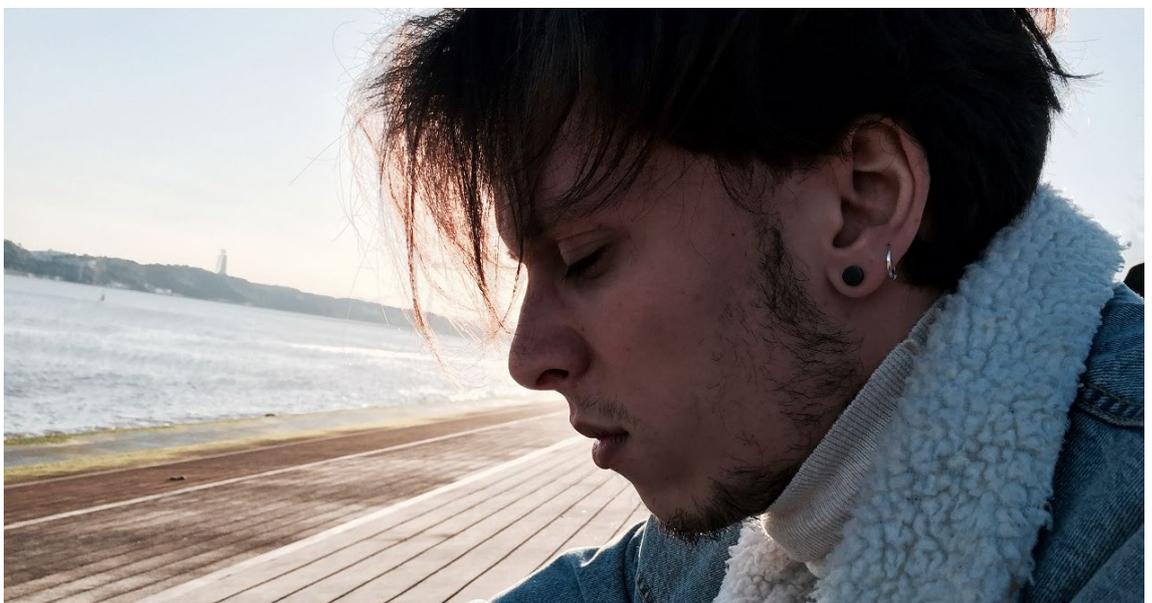
Pensar e agir deste modo evoca evidentes contrastes face a algumas das características intrínsecas ao mundo contemporâneo que, na sua configuração atual, também se compõe por descartáveis artifícios que surgem e se desvanecem sem memória nem paixão. Assim se agiganta o desafio : manter a ordem, ou o caos e, na serenidade do nosso íntimo espaço, permanecer com a confiança de que a obra de arte, quando concebida com a requerida profundidade e honestidade, terá a força para prevalecer e para tocar em todos aqueles que não perderam a crença nem o interesse na música contemporânea do século XXI. Até que nem sou grande fã da utilização deste rótulo, confesso. A música, por nós catalogada em períodos, é paradoxalmente despreendida de qualquer limitação temporal já que na sua essência se predispõe a ser tocada para todos aqueles que a quiserem ouvir, quando a quiserem ouvir. Chamar-lhe disto ou daquilo é de alguma forma uma condicionante à predisposição virginal auditiva que deveremos conservar desde sempre e para sempre. E nós, vulgares humanos, não temos a capacidade de prever o que vai acontecer, algo que acarreta por si um misticismo curioso que só aprofunda todas estas ideias. Será a música que hoje escrevemos símbolo de uma especificidade tal que lhe “chamarão “música x”” no futuro?

**Será que alguém vai ouvir a nossa
música daqui a 200 anos?
Não sabemos, e isso é fabuloso.**

Esta posição filosófica face àquilo que é o momento de compor é um paradigma sobre o qual tenho vindo a refletir na sequência de momentos em que a “chama” para criar não está, por assim dizer, tão luminosa. Acontece a todos os que ousam criar eu diria. Sublinharia o clichê dos “99% de trabalho e 1% de inspiração” mas, na verdade, essas percentagens são bem mais flexíveis do que a rigidez do ditado faz parecer.

Pensaria, contudo, naquela velha máxima à qual tantos mestres recorreram; “(...) quando a inspiração vier, encontrar-me-á a trabalhar, na minha secretária”. Provavelmente é mesmo isso. É na resistência para continuar a tentar e na coragem para deitar fora, apagar e elaborar uma vez mais tendo por base o processo, a rotina e as referências que, a meu ver, encontramos o que procuramos. Desmistificar e, porque não, renunciar a um certo ideal *romântico* que, por tantas vezes, vemos pairar no redor desta profissão. O compositor é, ou deverá ser, todo aquele que intervém sem pudor e procura conduzir sem esperar ser conduzido. Por oposição à ideia previamente disseminada dos “grandes mestres românticos”, aqueles que se faziam servir da sociedade para partilhar o que a inspiração lhes soprara no alto do Olimpo. Bem sei que a deturpação na forma como os contemplamos não é culpa deles. A canonização exacerbada das suas obras, a que assistimos neste e no último século, contribuiu fortemente para que se tenha gerado esta perceção *romantizada* e até mesmo *distanciada* do indivíduo compositor - “e o que é que fazes mesmo? ...”.

Nesse sentido, vislumbro alguma pertinência em abordar esta questão procurando de alguma forma enquadrar o nosso ofício e o seu propósito. O fosso que se gerou nas últimas décadas entre “público” e “nova música” é algo que deve constar da nossa lista de



preocupações e, a meu ver, não há melhor forma de o fazer senão aproximando também o compositor da sociedade. Para gerar o interesse necessário é conveniente adotar um certo ativismo e perspetivar a ressonância da nossa música naquela que é a conjuntura da nossa existência. Desse modo, sem castrar de forma alguma aquelas que são as nossas motivações para criar, pensaria num dever coletivo para que também nós, os criadores, nos aproximemos da comunidade. Há quem o faça magistralmente, há quem não o saiba fazer tão bem. Contudo, se nos esforçarmos para comunicar a vívida paixão que nutrimos por este místico trabalho, contagiaremos certamente alguém no decorrer do nosso percurso. Se formos felizes o suficiente para o fazer, nem que seja por uma só vez, então isso já será muito.

Porque atraquei neste conceito de *ativismo* e também porque neste ano se celebram os 20 anos do curso de Composição do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, **gostaria de concluir** este breve texto de opinião

**mencionando e louvando aquele terá sido
um dos maiores ativistas pela “nova música”
que conheci. O professor Paulo Bastos.**

Ele que em plena articulação com um grupo de alunos corajosos - a Ana, a Sara e o Osvaldo - criou uma das maiores plataformas nacionais, senão a maior, para que jovens de 14 anos possam dar os primeiros passos na área da composição. Hoje em dia, qualquer um que se forme no contexto deste programa de ensino tem como que um “mérito natural acrescido” por tudo o que a história tem vindo a contar sobre este curso e os seus alunos.

Que esta coragem e estes desejos nunca se apaguem. Que, quando a música não sair, haja sempre o compromisso para tentar de novo e que nunca nos falte a motivação para mostrar aos outros o que fazemos e o porquê de o fazermos. Essa é somente uma das nossas várias missões, mas priorizemo-la para que a música contemporânea conquiste um espaço honesto, justo e pertinente no decorrer deste século tão *sui generis*, o século XXI.

FICHA TÉCNICA

ENTREPAUTAS

Edição periódica do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga
Ano letivo 2020/2021

Propriedade e Edição

Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga

Contactos

João Tiago Magalhães
jornaldamusica@gmail.com

Rua Fundação Gulbenkian, s/nº, 4710-394 Braga
T +351 253 600 540
F +351 253 600 549
geral@conservatoriodebraga.pt
www.conservatoriodebraga.pt